

Os Saberes-Fazeres das Lavadeiras da Cidade de Goiás no Contexto da Decolonialidade

Gleidson de Oliveira Moreira¹

¹Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

Resumo

Este artigo trata do trabalho das lavadeiras a partir dos seus saberes e fazeres. Marcado pelo empreendimento colonial, o processo de exotização e de subalternização vivido pelas lavadeiras da Cidade de Goiás – Goiás, Brasil, gerou dores e sofrimentos. A fim de examinar os mecanismos que operaram o silenciamento dessas agentes, busquei, nos saberes-fazeres, a chave para entender as negociações realizadas na arena de jogos de interesses no contexto de uma sociedade de origem colonial, *locus* do conservadorismo e patriarcalismo. Metodologicamente, cruzei as informações das entrevistas obtidas em campo e imagens (fotografias) com o propósito de identificar quem eram e como utilizaram saberes remotos para se afirmarem na *urbs* vilaboense, abordagem realizada à luz dos autores: Gayatri Spivak, José Jorge de Carvalho e Georges Vigarello.

Palavras-chave: Cidade de Goiás; Lavadeiras; Saberes-fazeres.

The Knowledge of the Washer Women in the City of Goiás in the Context of Decoloniality

Abstract

This article deals with the work of laundresses based on their knowledge and practices. Marked by the colonial enterprise, the process of exoticization and subalternization experienced by washerwomen in the City of Goiás – Goiás, Brazil, generated pain and suffering. In order to examine the mechanisms that operated the silencing of these agents, I sought, in know-how, the key to understanding the negotiations carried out in the arena of interest games in the context of a society of colonial origin, locus of conservatism and patriarchy. Methodologically, I crossed information from interviews obtained in the field and images (photographs) with the purpose of identifying who they were and how they used remote knowledge to assert themselves in the cities of Vilaboense, an approach carried out in light of the authors: Gayatri Spivak, José Jorge de Carvalho and Georges Vigarello.

Keywords: City of Goiás; Washerwomen; Know-how.

Recebido em: 31/03/2023

Aceito em: 13/10/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Considerações Iniciais

Em 1964, eu (Maria Benedita de Oliveira Moreira) e minha mãe (Benedita Vicente de Oliveira) nos mudamos do sertão para a Cidade de Goiás. A viuvez dela foi o motivo para buscarmos apoio na casa de uma tia, auxílio que recebemos temporariamente ao compartilhar do mesmo espaço, um barraco de dois cômodos desprovido de água, luz e banheiro. Costurando 'para fora', minha tia (Maria Farias Albernaz), vivia sob a expensa de um neto. Pois não existiam os benefícios de aposentaria e ou pensões, o que levou a rápida procura de trabalho por minha mãe. Segundo a qual, 'só se conseguia trabalho na Cidade de Goiás quando a gente era indicado por alguém conhecido do empregador'. O que aconteceu com ela, ao ser indicada para lavadeira da freguesia da tia. Ao ser recebida por algumas famílias, ela respondeu muitas perguntas. As entrevistas eram feitas pelo interesse particular de cada grupo, o que influenciava na forma como procediam os questionamentos. A família, que chamo de 'A', em respeito à minha mãe, além de questionar sobre a vida pessoal dela (se casada, se tinha filhos, quantos e onde morava), também, a examinaram fisicamente; "eles fizeram questão de que o médico da família, filho do 'patrão', a tocasse da cabeça aos pés, querendo saber se ela tinha doença na pele (lepra, sarna, erisipela e pano branco). Pegando e rodando, segundo ela, os braços, mandando botar a língua pra fora e arregalando os olhos". Ao passo que na família 'B', as perguntas eram: '[...] de onde ela veio? Por que veio para a Cidade de Goiás e como enviuvou?'. Perguntas dessa natureza foram recorrentes em outras casas, para as quais ela lavou ininterruptamente por mais de 10 anos (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 11/09/2019).

Extraído de minha tese, o trecho acima apresenta um recente relato em torno dos efeitos causados pelo empreendimento colonial na memória das lavadeiras da Cidade de Goiás¹. Exotizadas por um processo de subalternização que as invisibilizou (Carvalho, 2001; Spivak, 2010), essas mulheres vivem, ainda na contemporaneidade, dores e sofrimentos perpetrados pelas relações de trabalho similares àquelas vividas nos tempos da escravidão, o que produz silenciamentos.

A fim de examinar os mecanismos que operaram o silenciamento das lavadeiras, propus investigá-las por entender que é por meio da reparação no trato com o humano que a antropologia nos auxilia a entender as nuances das estruturas de dominação. Esse esforço revela como os conflitos são constituídos, como as tensões formam arenas de disputas e interesses, um sistema polissêmico no qual expressam jogos de forças e de negociações (Carvalho, 2001).

Trago, para reflexão, a hipótese de que, mesmo não constituindo um grupo hegemônico, as lavadeiras criaram uma estrutura de dependência das pessoas que precisavam manter o *status* social pela aparência. Roupas alvas, engomadas e perfumadas

¹ Embora o município de Goiás compreenda o meu recorte espacial de estudo, utilizo, ao longo do trabalho, Cidade de Goiás por concentrar meus esforços na área urbana.

marcam distinções sociais e agenciam sentidos aos materiais têxteis manuseados por elas. Para entender como a noção de decolonialidade (Spivak, 2010) abre perspectivas de análise nesse caso, é necessário observar os saberes-fazeres empreendidos por essas agentes sociais. Logo, quem são essas mulheres? Como lidaram com os conflitos e tensões inerentes a uma cidade forjada no seio de uma sociedade colonial do século XVIII?

2 Ser Lavadeira na Cidade de Goiás

Citada na nota de campo que abre este texto, minha mãe, Maria Benedita de Oliveira Moreira, apresenta, em sua fala, a preocupação dos contratantes com a higiene/saúde corporal. O trecho mostra a exotização do corpo de minha avó assemelhada ao tratamento dado a um animal. O temor de levar, para dentro de casa, doenças e demais problemas que pudessem interferir nas normas da convivência familiar, associada à ideia de “sujeira”, estava no centro das atenções.

O receio de contágio por doenças permeava o imaginário social cercado de restrições e controle dos corpos, por isso a entrega e o recebimento das trouxas eram feitos pelo portão dos fundos, evitando, assim, a circulação das lavadeiras nas casas das “patroas”. O que não representa exceção ou generalização no tratamento com outras lavadeiras – argumento sustentado, ainda segundo a entrevistada, pelos interesses das patroas, envolvidas em obter informações de outras famílias. “*Olha, muitas lavadeiras por causa do respeito, criavam confiança com as patroas, tinha livre acesso à casa, entram e saem pela porta da frente, tornando costume sentar para contar causos com os ‘patrões’*” (Nota de campo – Benedita Vicente de Oliveira, 10/09/2019).

Minha avó continua:

Tinha lavadeira que era arrumadeira dos armários, organizando as roupas limpas e engomadas. Mais existia [sic] aquelas que nem conhecia o quintal da freguesia, a maioria deixava escapar ou era instigada, pela ‘patroa’, a falarem de assuntos ouvidos em casa de outras ‘patroas’, como por exemplo: dívidas, gravidez, separação conjugal, males incuráveis, viagens, mortes, traições de diversos tipos (tocais, encontros amorosos, envenenamentos, infanticídios, suicídios e homicídios) (Nota de campo – Benedita Vicente de Oliveira, 10/09/2019).

Ser lavadeira implicava, portanto, ter acesso ao repertório de privacidades de muitas famílias que, vazadas, podiam criar celeuma, alimentando argumentos entre desafetos ou criando novos desentendimentos. Ser lavadeira exigia, desse modo, atenção no ouvir e prudência no falar.

Foi assim que minha avó e sua ajudante, minha mãe, foram se ambientando na Cidade de Goiás, descobrindo, com a lavagem, comportamentos reservados às sociabilidades e sensibilidades de muitas famílias vilaboenses, tornando-se conhecidas e reconhecidas pelos apelidos e simplificações de tratamento pelos “fregueses”, como os termos “Sá Bindita” ou “Sá Dita”².

É nessa intrincada rede de interesses de famílias tradicionais que transitavam as lavadeiras, pessoas sujeitas às construções discursivas elaboradas por delegados, soldados,

² Até a segunda metade do século XIX, persistia, nas casas das famílias abastadas da Cidade de Goiás, o sistema de criadagem – uma herança do Brasil Colônia estruturada nas figuras de mulheres que serviam com mucamas e amas-de-leite – tratamento justaposto, em meados do século XX, aos termos: Yayás, Nanhás, Dinhas e Sás (Tradição oral).

carcereiros, inspetores de quarteirões e, no caso de minha avó, o médico, filho da família. Como se pode perceber, homens de baixo e alto escalão que, alegando estarem em “defesa delas”, condenava-as em nome da mesma justiça que os legitimava protegê-las. Foi nesse cenário de adversidades e de controvérsias, gerado pelo patriarcalismo, conservadorismo e catolicismo exacerbado, que mulheres pobres da Cidade de Goiás foram subalternizadas; desprezadas quanto ao que eram, faziam ou fabricavam (Moreira, 2022).

Segundo o historiador Danilo Rabelo, trabalhos manuais eram motivo de estigmatização por grupos abastados. Embora fossem meios de subsistência, as condições materiais de existência das mulheres pobres eram equiparadas àquelas realizadas por escravizados (Rabelo, 1997).

A debilidade do olhar masculino revelou-se preconceituoso ao generalizar as condições de vida das mulheres pobres às mulheres de vida livre e fácil – classificação fundamentada em juízo de valor, o que gerou preconceitos ao associar lavadeiras, cartomantes, donas de tavernas, quitandeiras, parteiras e benzedadeiras a prostitutas; uma evidência ao torná-las alvo da repressão policial³. A misoginia e o desprezo pelas mulheres pobres vilaboenses chegou a alcançar as que também viviam amasiadas, mal vistas pela camada dominante, que passava a regularizar suas relações conjugais pelo casamento (Rabelo, 1997).

Como categoria de análise, gênero por si só não pressupõe ou descreve nada além do fato de que percepções das diferenças sexuais devem ser tomadas para nortear as relações sociais. Não traz em si um conteúdo. Não define, de antemão, condições, identidades e relações. Portanto, estudar gênero demanda mais que pesquisa, requer bom senso ao interpretar o olhar do outro, por isso a questão central das lavadeiras da Cidade de Goiás tem a ver com “como”: como, em situações concretas e específicas, ser mulher invoca e passa a construção das relações sociais.

Nessa abordagem, a lavadeira não é síntese para pensar o gênero na Cidade de Goiás, nem por isso compactua com a visão empírica que coisifica as mulheres. Em termos de relações familiares e de trabalho, manifestações são representadas subjetivamente por olhares coletivos e apontamentos individuais, observações que me fazem lembrar a antropóloga Suely Kofes, para quem “coisas” podem ser vistas como feminina ou masculina (Kofes, 2001).

Diante da perspectiva masculina sobre as mulheres vilaboenses, há que se destacar a desenvoltura e adequação destas às adversidades que viveram. Uma análise que suplanta as dificuldades mentais existentes a partir das representações sociais e culturais dos homens, o que pode ser considerada, de maneira pertinente, sob a perspectiva de Marina Maluf.

As mulheres, de modo geral, têm sido incumbidas de certas tarefas sociais cujo trabalho desobriga os homens, isto é, os libera da necessidade de cuidar não só do seu próprio corpo, como ainda dos lugares onde habitam. [...]. Ao ficarem isentos de tal responsabilidade concreta e específica, estão livres para ingressar e permanecer em um mundo mais abstrato. Em consequência disso, só tomam como real o que se

³ Em 1884 a lavadeira Maria das Dores, conhecida como Maria Escolástica e considerada prostituta de procedimento irregular, por infração ao termo de bem viver, condenada a 30 dias de prisão e a pagar uma multa de 30 mil réis para não ter a prisão estendida por mais de 20 dias, conforme o juízo do Chefe de Polícia, foi apresentada ao juiz, que a conduziu à sua casa (Cartório de Crimes, Cx. 53, Processo de Infração de Termo de Bem Viver).

ajusta ao seu mundo mental, o que contribui para que o trabalho das mulheres deixe de ser visto e representado como atividade humana real (Maluf, 1995, p. 86).

Ao repudiar a moral fundada no culto ao trabalho, generalizam o papel de homens e mulheres para além de uma consciência justificada como pouca capacidade de organização social. Logo, o vivido pelas mulheres da Cidade de Goiás foi aviltante.

Cora Coralina, poetisa de rara sensibilidade, expressa, para além de qualquer momento histórico, a importância do Rio Vermelho para a Cidade de Goiás e do mesmo rio para as lavadeiras.

A lavadeira

Essa Mulher...
Tosca. Sentada. Alheada...
Braços cansados
Descansando nos joelhos...
olhar parado, vago,
perdida no seu mundo
de trouxas e espuma de sabão
– é a lavadeira.

Mãos rudes, deformadas.
Roupa molhada.
Dedos curtos.
Unhas enrugadas.
Córneas.
Unheiros doloridos
passaram, marcaram.
No anular, um círculo metálico
barato, memorial.
Seu olhar distante,
parado no tempo.

À sua volta
uma espumarada branca de sabão
Inda o dia vem longe
na casa de Deus Nosso Senhor
o primeiro varal de roupa
festeja o sol que vai subindo
vestindo o quaradouro
de cores multicores.

Essa mulher
tem quarentanos de lavadeira.
Doze filhos
crescidos e crescendo.
Viúva, naturalmente.
Tranquila, exata, corajosa.
Temente dos castigos do céu.
Enrodilhada no seu mundo pobre.

Madrugadeira.
Salva a aurora.
Espera pelo sol.
Abre os portais do dia
entre trouxas e barrelas.

Sonha calada.
Enquanto a filharada cresce
trabalham suas mãos pesadas.
Seu mundo se resume
na vasca, no gramado.
No arame e prendedores.
Na tina d'água.

De noite – o ferro de engomar.
Vai lavando. Vai levando.
Levantando doze filhos
Crescendo devagar,
enrodilhada no seu mundo pobre,
dentro de uma espumarada
branca de sabão.

Às lavadeiras do Rio Vermelho
da minha terra,
faço deste pequeno poema
meu altar de ofertas (Coralina, 1993, p. 20-208).

Conscientes de serem mulheres trabalhadeiras, mães de família e, por isso, mulheres de bem, as lavadeiras despertaram uma questão ausente nas fontes de primeira mão: a moral. Nas entrelinhas da poesia de Cora Coralina e nas entrevistas obtidas na pesquisa de campo, percebi que viúvas e mulheres “largadas” passaram a defender a sua moral. Serem mal faladas incorreria na perda do serviço das “patroas” e no desrespeito em casa,

pelos filhos. Guiadas pela releitura do sentido masculino de trabalho, perceberam-se mais que provedoras, passaram a lutar pela sobrevivência de si como exemplos a serem seguidos; reagiram, não queriam ser generalizadas como “qualquer uma”.

Dentro de casa, a imagem da mulher lavadeira passou a ser associada à de mulher lutadora. Em torno da figura feminina, a valorização da família foi fortalecida pelo agregar da prole. Ao se preparar para as lides no rio, mães eram acompanhadas por filhos pequenos. Essa conduta influenciou filhas, que, de ajudantes passaram também a lavadeiras, processo iniciado dentro de casa, no mimetismo de saberes e fazeres.

Ao observar suas mães, jovens de 8 a 15 anos assistiam, repetidas vezes, os gestos e os jeitos de colocar a trouxa na cabeça; a forma como o corpo precisava ser deslocado ao equilibrar a trouxa; o ensaboar com uma mão enquanto a outra segurava; o segurar com firmeza a peça de roupa; o ritmo de girar a vestimenta no ar e a força aplicada na roupa no batedouro; o esfregar a roupa entre as duas mãos; o jogar, com a mão em concha, água na peça parada ao sol; o tempo estimado para o enxague; a intensidade com que torciam; os procedimentos de fervura, quando necessário; os lugares para secagem das roupas; como eram recolhidas, dobradas, engomadas e entregues aos patrões – um sistema de “comportamento operatório” (Coupaye, 2017) nem sempre pago no momento de entrega e nem sempre em dinheiro. Os filhos aprendiam, pelo exemplo das mães, a resistir, a lutar: “[...] *ser filhote de lavadeira, não significa ser árvore sem folhas*” (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 10/09/2019).

3 Roupas Limpas em Corpos Sujos – o Caminho das Águas

Quando o assunto são as lavadeiras dos rios e córregos da Cidade de Goiás, a Fonte da Carioca⁴ é palco de várias histórias, entre elas, a sua própria. Originariamente denominada Cambaúba, hoje Balneário da Carioca, foi erigida em 1774 à margem do Rio Vermelho, que corta o centro histórico do município de 25 mil habitantes. Ao longo do tempo, ela, que já abasteceu moradores e viajantes que chegavam em Vila Boa (hoje município de Goiás, ou Goiás Velho ou, ainda, Cidade de Goiás) pela Estrada Real, desde o século XVIII, tornou-se centro de convivência da população por ali ser ponto de encontro de carregadeiras de água, tropeiros, crianças, lavadeiras e quem necessitasse, fossem livres ou escravizados (Dantas, 2014).

Na imagem da Figura 1, aguadeiras, crianças e homens aparecem reunidos observando as aguadeiras. Em “Lembranças azuis e um Rio Vermelho”, dissertação de Selma Parreira (2010), a pesquisadora relata que a Fonte da Carioca é lugar presente e visitado nas recordações das lavadeiras e de moradores da Cidade de Goiás. Fosse como local de trabalho ou de lazer das famílias vilaboenses, a Carioca era importante fonte no abastecimento de água potável para a comunidade (Parreira, 2010).

⁴ “Primeira fonte pública para abastecimento de água de Vila Boa, a fonte da Carioca atendia basicamente aos moradores da margem direita do Rio Vermelho. Construída de alvenaria de pedra, essa fonte se encontra em espaço aberto, entre o Rio Vermelho e a antiga entrada da cidade, para os que vinham de São Paulo pelo caminho real, passando por Meia Ponte (hoje Pirenópolis), Ouro Fino e Ferreiro, com destino a Cuiabá. Esse local, bastante procurado pelos banhistas, é hoje conhecido como Poço do Bispo por estar próximo a uma chácara de propriedade da Diocese de Goiás” (Parreira, 2010, p. 109).

Figura 1 – Apanhadeiras de água na Fonte da Carioca, 1937



Fonte: Acervo Museu da Imagem e Som de Goiás (MIS/GO) (Foto de Alois Feichtenberger)

Além de representar uma transformação abrupta da paisagem natural e social, a Fonte da Carioca vincula dois diferentes fluxos temporais: por um lado, é herança de uma certa colonização ibérica estendida em território dos sertões dos goyazes, ao reunir “rústicos”, não raros desclassificados, de uma ordem social estratificada, nos tempos da mineração, em senhores e escravizados, tornando-se objeto do programa civilizatório oficial. Por outro, o projeto banhear estabelece relações de concorrência e disputas entre banhistas e lavadeiras.

Minha avó, que estabeleceu, como ponto para sua atividade, outro lugar, o córrego Mané Gomes, traz, de suas lembranças, a advertência para o banho feminino no Poço do Bispo, local frequentado exclusivamente por homens – informação atestada pela memorialista Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro.

Pelas manhãs os homens, toalha ao ombro, rumavam para algum dos rios circunvizinhos a fim de tomar seu banho e nadar um pouco. Muitos, nessa ocasião, aproveitavam para fazer ginástica. Dessa forma ficavam livres da incômoda bacia, exercitavam as pernas na caminhada e aspiravam o ar fresco e salutar das primeiras horas do dia. Geralmente iam juntos dois ou três amigos ou vizinhos. Conforme a parte da cidade em que residiam frequentavam um ou outro rio. Os mais procurados eram o Bacalhau e o Rio Vermelho. No Rio Vermelho o poço denominado Pinguelona tinha maior número de banhistas, principalmente dos que trabalhavam no Mercado. Os outros poços eram: Carioca, em especial o poço do Bispo, a Ponte do Padre Pio (Cambaúba) e da Mandobeira, no fundo da rua Moretti Foggia. Para esses banhos tinham *toilette* especial: a roupa com que vieram ao mundo [...] (Monteiro, 1974, p. 87).

Como se pode observar, as águas da Cidade de Goiás convergiam os mundos do trabalho, do lazer, do prazer, do imaginário e da saúde. A respeito deste último, rememora

minha avó que as lavadeiras usavam lenço branco na cabeça: “*Os lenços nos protegiam do sol, contra insetos e, principalmente de coisas que podiam vazar das malas sobre a cabeça*” (Nota de campo – Benedita Vicente de Oliveira, 11/09/2019).

Ela continua o relato:

Quando eu abria as trouxas, eu selecionava as roupas por tecidos e grau de sujeira; as de algodão, utilizadas em trabalhos pesados de roça eu batia com força fazendo uso da barrela (esterco de gado, areia e sabão) e colocada para quorar, as de sêda, alpaca e lamê, roupa de passeio, eu esfregava com cuidado e colocava de molho, descansando debaixo de alguma sombra (Nota de campo – Benedita Vicente de Oliveira, 11/09/2019).

Como não reconhecer, nessa mentalidade, as categorias profiláticas de interpretação do mundo “colonizado”? Sem roupas lavadas e engomadas, quem ajudaria médicos em seu trabalho de cura contra os males de corpos doentes? Assim, rios e córregos se tornaram salas cirúrgicas onde a purgação estava em contraoferta a esforços isolados de médicos na Cidade de Goiás. Pois parece que ali mesmo, no contato com as águas, a presença sentida pelos odores, associados à podridão de nervos sensíveis, pele e músculos putrefatos, encontrava alívio em lençóis, fronhas e cobertas limpas pelas lavadeiras⁵. Sem falar que as moléstias venéreas trafegavam livre em bordéis com rapazes admiráveis, repassando-as gentilmente às esposas e amantes conquistadas nos passeios e nas festas (Nota de campo – Benedita Vicente de Oliveira, 11/09/2019). Em seu relato, minha mãe conta que flagrou o trato dado por uma “coisinha⁶” quando lavava uma verdadeira fauna camaleônica:

As mulheres da vida não lavavam roupa junto ou no mesmo lugar que a gente, mas via que fervia roupas dentro de uma lata, lata parecida com a que sua usava pra ferver os gases de freguesas doentes. Se depois de ferver ela jogava a água fora do rio, na areia, eu não me lembro, por que pequena. Agora, se quando eu abria as trouxas os piolhos pulavam na gente, imagina o que não tinha nas trouxas delas (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 11/08/2019).

Há que se considerar que a lavação, mais que atributo feminino, é uma forma de perceber as condições de existência do outro e como este se desloca no espaço físico a partir das condições de que dependem o seu transcurso; lavar nasce da necessidade de fixar a imagem do corpo e o que ele carrega física e moralmente pelas vestimentas. Não podem realizar o seu trabalho as lavadeiras que não conhecem a vida daqueles para quem lavam, sejam condições ordinárias ou seus aspectos singulares. A volta para o seu universo, a sua casa e família é resultado de uma relação pendular de poder, arena de conflitos em que ser lavadeira é o índice identitário para pessoas imprescindíveis que se afirmam em uma sociedade que legou dor e sofrimento.

⁵ Arquivo do Museu das Bandeiras – Cidade de Goiás – Caixa 51.

⁶ O rio era uma extensão da casa, era de uso privado. No entanto, o curso fluvial, não privado, era disputado e/ou negociado entre viúvas, mães solteiras e prostitutas (Moreira, 2022).

4 Habilidades e Gestos – A Técnica como Jeito de Fazer “coisas”

As técnicas contidas nesse comportamento operatório resultam de saberes compartilhados entre mães e filhas. No âmbito da educação pela atenção, resalto o que diz Ingold (2012) em relação ao *skill*: há uma relação habilidosa com as “coisas”. Ao estabelecer as bases de uma antropologia da vida, o autor aborda a técnica ao tratar dos organismos-pessoas – sejam eles humanos ou não humanos, isto é, em relação com o meio ambiente, em uma perspectiva da psicologia ecológica de Gibson (1986).

Para Ingold (2012), a técnica é uma relação concreta, cujo sentido é imanente à prática, a partir da qual se constituem as pessoas com suas identidades e propósitos a partir da sua morada (*dwel*), da interação constitutiva com o meio. Assim, a ação sinérgica das lavadeiras não emana unicamente do seu corpo anatômico, mas de um corpo estendido, dado nas propriedades perceptivas e motoras para onde convergem seus atos. Tomando o gesto pragmático – o lavar – vê-se que ele não é fruto de uma ação isolada da lavadeira, o seu corpo configura habilidades para o jeito de fazer, controlando força e ritmo, e é aí que o organismo demonstra saber, destreza, perícia dos movimentos integrados a fatores orgânicos e ambientais (Ingold, 2012). Uma pedagogia do exemplo obtido pela observação, gestos e vivências realçadas no próprio fazer, como relata Maria Benedita, minha mãe:

A maioria das lavadeiras do meu tempo morava em becos, eram barracos insalubres com assoalhos de terra batida. Os barracos tinham entre dois, três até quatro cômodos, um deles era a cozinha e sala (quando a sala não era o quarto). No nosso barracão, tínhamos um fogão à lenha (de barro), uma prateleira (com amontoado de copos de latas, três painéis de ferro, sendo duas de ferro e uma de barro, alguns pratos esmaltados, raros talheres e cuias dependuradas). A cama com colchão de palha de milho, só mais tarde foi substituída pelo de capim. Como ninguém tinha banheiro, era usado um penico de lata de bolacha de marca “Duchem” ou querosene “Jacaré”, partida ao meio. [...]. Lembro que ao buscarmos as malas nas casas dos patrões, as lavadeiras entravam pela porta da frente e saíam pelos fundos, quando as casas tinham essa prerrogativa. [...]. Cada patroa tinha como preferência as águas de um dos rios que banhavam a cidade, no nosso caso, o Mané Gomes; as mais exigentes preferiam lavadeiras que morassem onde houvesse água encanada. [...]. O acerto (pagamento) era feito por peças, outras por dúzias, por libras, por malas, por mês. [...]. Era comum além de ajudar a minha mãe, virar “colaboradora” dos serviços da patroa dela. Eu fazia de um tudo na casa e no quintal, sem ordenado, na base do escambo, ou do, depois, te mando um agrado (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 12/07/2018).

As descrições contidas no âmbito do visível estabelecem a associação dos objetos com o lugar social das lavadeiras. Observações de bens e utensílios dispostos às práticas de decência a evidenciar um código impedido de ser questionado pelo respeito e presteza às patroas: “Era comum além de ajudar a minha mãe, virar “colaboradora” dos serviços da patroa dela. Eu fazia de um tudo na casa e no quintal, sem ordenado, na base do escambo, ou do: depois te mando um agrado” (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 12/07/2018).

Dar, às patroas, motivos injustificáveis para não ajudar a servi-las poderia comprometer o recebimento de algum agrado⁷, uma vez que não se recebia salário (ordenado) pelos serviços prestados

⁷ Era considerado agrado o recebimento de ovos, leite, bananas, fubá de milho ou arroz e até lachas de lenha como forma de compensação pelos serviços prestados nas casas das freguesas (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 12/07/2018).

Nesse sentido, o foco essencial da roupa, para a freguesia, é a superfície. É ela que não só retém o olhar, mas o canaliza. Limpeza e decência são duas qualidades predominantes. A presença da pele, representação concreta do corpo, eclipsa-se diante do invólucro, seja ela de seda, alpaca, lamê – tecido geralmente utilizado por profissionais liberais – ou algodão – usado pelas camadas populares. É como se tudo devesse se referir ao visível, materiais e formas qualificadoras da vida social. É a roupa limpa, que, nas mãos das lavadeiras, junta o todo do corpo social.

Sobre o desamarrar as malas de roupas, Bendita Vicente relata:

Buscava as trouxas na casa das patroas um dia antes. Vinha roupa de homem, mulher e dos filhos. Vinha misturado na mesma trouxa: anágua, calçola com fundo sujo, cueca, calças, camisas, saias, até taquetes (toalhinhas que serviam como absorventes), uma porcaria enrolada no lençol. Quando não adiantava passar São Caetano⁸ e esfregar com sabugo, eu fervia. Quando não tinha jeito, eu cortava o fundo e fazia uma costura (Nota de campo – Benedita Vicente de Oliveira, 02/05/2019).

Desgastadas, as roupas mostram as condições de higiene dos corpos e do trato destes a elas. Reunidas dentro da mesma mala, as roupas nivelam, pelo mau cheiro, os diferentes gêneros e idades. Por ironia, a trouxa é, para as lavadeiras, o registro de intimidades escondidas pelas famílias em peças de cama e banho. A privacidade dos corpos ficava exposta, aberta às lavadeiras pela indefensável aparência das roupas, pelos tecidos carcomidos, devorados pelo tempo a partir do adjetivo “puído”. O descuido com a lavagem dos corpos se evidenciava nas roupas, lugares de produção e de concentração da sujeira, primordialmente as partes íntimas.

De todas as mulheres para quem minha mãe lavava roupa, tinha uma, a única que mandava calcinhas para a sua avó lavar. Lavava uma vez na semana e ia duas a três calcinhas. E quando era época de chuva, ainda mandava falar para acelerar com a lavação. A peça era de amorim⁹, mandando torcer aquela primeiro. Sabe por quê? Por que ela só tinha aquela que estava no corpo. E as vezes tinha que ir na rua, então, o fundo das calcinhas eram encardidas, do mesmo jeito que as cuecas. No caso dos homens, usavam samba canção. De um lado era uma mancha de urina e no mais o que tivesse que sair. Atrás, a cueca tinha duas costuras laterais (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 02/07/2019).

A renovação da limpeza da “pele” continuava limitada, embora o uso da água pudesse aumentar a pureza das roupas, um inventário rico de qualidade, que não ultrapassavam poucas roupas, pode ser observado no relato do *status* de peças íntimas. A falta de cuidado com trajes íntimos revela a conveniência limitada ao que não era essencial ao olhar. Ao contrário da decência de outras roupas, nem longa demais, nem curtas demais, importava, no uso de calcinhas e sambas canções, a iniciativa de um pré-cuidado, muito distante, com a higiene íntima; um arranjo em que os tecidos de dentro sustentam os tecidos da superfície, uma arquitetura de roupas e materiais trajados e sobrepostos no corpo.

Nesse jogo de diferentes níveis da limpeza corporal, em que a troca da roupa íntima é uma linha, como a casca de serpentes, tais roupas eram porosas e estruturadas em cores claras e tecidos finos escondidos sob tecidos escuros e mais grossos. A camisa de

⁸ Cientificamente chamada *Momordica charantia*, a erva de São Caetano era uma planta muito utilizada pelas lavadeiras para extrair nódos e sujeira impregnadas nas roupas.

⁹ Tecido fino e fresco, mas não transparente utilizado na confecção da moda feminina na Cidade de Goiás.

alpaca, por exemplo, ficava sob o vestido das senhoras, como uma peça que não se vê; desse modo, a roupa era escalonada em superfícies e em tipos diferentes de tecidos: do mais leve ao mais pesado, do mais íntimo ao mais visível (Vigarelo, 1996). A peça é manejável, forro macio entre a seda, o lamê, o algodão e a pele. Nas narrativas das lavadeiras, a roupa branca aparece envolvendo o conjunto social de quem as usa quando estão oferecidas ao olhar; e olhar é uma extensão da cor do outro.

No dia a dia da lavação, eu testemunhava taquetes brancos embebidos de sangue e depois, já no ato da entrega, livre de qualquer odor ou nódoa, diante as patroas brancas e remediadas, ficava sem entender. Como as mulheres com quem lavávamos segredavam seus odores últimos, pois eu não sabia do sangramento de nenhuma delas. Ao contrário das roupas sujas que vinham para lavagem, as poucas calcinhas e as toalhas vermelhas sangradas pelos corpos das patroas me fizeram pensar, por tempos, será que toda mulher rica urina sangue? (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 02/07/2018).

Diante desse quadro sociomoral, as roupas e as lavadeiras eram organizadas, selecionadas e classificadas a ponto de o serviço dispensado às roupas influenciar a divisão das lavadeiras em três grupos: as “coisinhas” – mães solteiras; as “sás” – mulheres viúvas; e as “fulanas” – aquelas que tinham “maridos” (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira, 12/07/2018), criando uma produção hierárquica das roupas pelos tecidos e estas influenciando quem as lavava.

Definidas em categorias, como faziam com os tecidos da freguesia, as lavadeiras viúvas e com “maridos” dividiam rios e córregos em aguadouros – lugares para lavação. Afastadas das mães solteiras e das prostitutas, as viúvas evitavam ficar mal faladas para não perder as patroas, preocupação que chegava a reforçar, entre as mulheres mães solteiras, o estigma de exclusão social gerado por conta daquelas que serviam à elite. Macular a imagem de mulheres trabalhadoras e honestas representava perder a freguesia e, conseqüentemente, não serem indicadas por estas a novas patroas ou a repartições do governo¹⁰.

Consonante os processos-crime, as informações encontradas nos documentos de primeira mão permitem entender como as mulheres lavadeiras na Cidade de Goiás ocupavam distintas posições e espacialidades. Nas ruas transportavam roupas e água (aguadeiras) apegadas ao costume rotineiro de trocar informações (Figura 2).

¹⁰ “Em 31 de janeiro de 1847 o Alferes, José Pereira Valle, solicitou, à Tesouraria da Fazenda Geral da Província de Goiás, o pagamento a Ceriana Leite pela lavagem de roupas da Enfermaria Militar. Uma tabela informava sobre os dias, os meses, a quantidade de peças, quais peças e os valores. Assim como esses registros do relatório de 1847, identifiquei descrições semelhantes referentes aos anos de: 1852, 1853, 1865, 1868, 1870 e 1881. Em meio aos registros, encontrei pedidos e recibos de pagamento e também observei que as lavadeiras eram chamadas de fornecedoras, portanto, eram contratadas a prestar serviços que variavam entre carregar água e cozinhar. Como fornecedoras lavavam: colchas de chita, fronhas de amorim com e sem babado, lençóis d’americano, ceroulas de amorim brancas, colchas de algodão riscado, camisas de amorim, linho, chita e algodão, roupões de amorim e linho, ceroulas de flanelas, carapuças, mantas de lã escura, toalhas de linho grosso e d’americano, sacco de amorim e guardanapos de algodão. Como o público era masculino, os documentos apontam os materiais utilizados nos tecidos e a total dependência das mulheres” (Museus das Bandeiras (MUBAN), Cidade de Goiás (GO)).

Figura 2 – Lavadeiras e carregadeira de água



Fonte: Acervo do Museu das Bandeiras, Cidade de Goiás (MUBAN) (Fotógrafo desconhecido)

A Figura 2 apresenta uma complexa operação que chamo de qualidades sensíveis, associadas ao corpo, à linguagem e à narrativa. Ao pensar no passado, minha avó, “Sá Bindita”, movimenta, por meio dessa imagem, lembranças que tornam instrumentos de ação, resultado da percepção, forma de agir e de viver no mundo.

Lavar, portanto, era uma forma de essas mulheres saírem de casa, de estarem expostas em público, afinal, elas precisavam existir. Por isso se tornaram temas de memorialistas, poetas, cronistas e fotógrafos, compondo o repertório de suas evidências; reforçando as águas o elemento essencial de suas vidas, fonte de festividades e de trabalho.

5 Considerações Finais

Tratei, neste artigo, o trabalho das lavadeiras a partir de relatos de campo. Silenciadas por uma subalternização construída no contexto do empreendimento colonial, o trabalho das lavadeiras chama a atenção para a ideia de como lavar roupas é mais que um ato físico e mecânico. Inicialmente o plano foi abordar, nas relações de trabalho das lavadeiras, o indício de persistência de uma escravidão velada.

Questões como o “exame” dos “patrões”, os córregos e batedouros, ambientes privados e públicos, as memórias em seus saberes-fazeres ancestrais e as roupas convergem para a formação de arenas de conflitos, revelando resistências na demarcação de territórios físicos e simbólicos das lavadeiras. Os saberes e fazeres das lavadeiras compreenderam estratégias de negociação no campo das tensões. Ao depender dos serviços das trabalhadoras dos rios, “fregueses” e “patrões” se tornaram seus agentes de visibilidade. As subalternizações construídas por olhares hegemônicos (Carvalho, 2001; Spivak, 2010) enunciam lugares de inconsistência simbólica, lugar de contradiscurso no qual o dominante é forçado a

reestruturar o espaço de poder, lugar de representação, lugar de negociação entre signo e significado.

O que está em jogo é a luta pelo controle da narrativa histórica de uma sociedade tradicional sobre os lugares impostos às vozes subalternas. Ouvir as lavadeiras, autoras legítimas desse processo, é uma forma de interpelar o silêncio a que foram submetidas. Sujeira e pobreza não são sinônimas, o que adoce e polui o outro são os olhares. A Cidade de Goiás é um recorte analítico para pensar o sentido e o grau de limpeza e de sujices sociais.

Referências

- CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001. DOI 10.1590/S0104-71832001000100005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/kNnShbTR3wLSWgCspyx8JBv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. Goiânia: UFG, 1993.
- COUPAYE, Ludovic. Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico. In: SAUTCHUK, Carlos E. (org.). **Técnicas e transformações: perspectivas antropológicas**. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017. p. 495-475.
- DANTAS, Cristiane Loriza. **Fonte de memórias: sítio arqueológico Fonte da Carioca**. 2014. 142p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3351>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- GIBSON, James Jerome. **The ecological approach to visual perception**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1986.
- INGOLD, Timothy. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012. DOI 10.1590/S0104-71832012000100002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9ftbLSBMs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Reminiscências: Goiás D'Atanho**. Goiânia: Oriente, 1974.
- MOREIRA, Gleidson de Oliveira. **“Vai pono sintido”**: os saberes das lavadeiras da Cidade de Goiás no saber fazer sabão de bola. 2022. 309p. Tese (Doutorado em Antropologia social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12306>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- PARREIRA, Selma. **Lembranças azuis de um Rio Vermelho**. 2010. 125p. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/2756>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- RABELO, Danilo. **Os excessos do corpo: a normatização dos comportamentos na Cidade de Goiás, 1822-1889**. 1997. 215p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/RABELO__Danilo._1997.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**: uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Gleudson de Oliveira Moreira

Graduado em História pela Universidade Federal de Goiás, mestre em História pela Universidade Federal de Goiás e doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás. Professor da Secretaria de Estado da Educação de Goiás (SEDUC).

Endereço profissional: Av. Quinta Avenida, quadra 71, n. 212, Setor Leste Vila Nova, Goiânia, GO. CEP: 74643-030.

E-mail: gleidsonhist@gmail.com

ORCID: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.89082>

Como referenciar este artigo:

MOREIRA, Gleudson de Oliveira. Os Saberes-Fazeres das Lavadeiras da Cidade de Goiás no Contexto da Decolonialidade. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 2, e93638, p. 110-124, maio de 2024.